

## Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 1<sup>1</sup>

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Títulos abrangentes são perigosos. Mas o desejo, ao contrário, é o de fazer comentários pontuais, que cabem, com sobra, no espaço de encontro desses dois universos.

Ancoro o ponto de partida no processo de criação, presente em ambos os campos. Freud cita Heine em seu ensaio de 1914 – **Sobre o Narcisismo**: *“a enfermidade foi sem dúvida a causa final de toda urgência por criar. Ao criar pude recupera-me; criando, tornei-me são”*.

Já não me lembro há quanto tempo cito essa máxima de Heine para uns tantos pacientes ao longo de meu trabalho. Uma coisa é certa, consta dos primórdios da minha clínica em psicanálise e isso remonta aos anos oitenta. E, até hoje, me surpreende o impacto que causa aos ouvidos daqueles que em sofrimento à escutam. Não tive nenhuma exceção entre as centenas de vezes que a utilizei. Todos aqueles que a ouviram, experimentaram naquele momento algo solene, uma esperança em sua recuperação.

Alguns filósofos, estetas, literatos e mesmo psicanalistas que se dedicaram a estudar a relação do pai da psicanálise com a arte e os artistas, apontaram uma relação de colorido ambivalente. Se por um lado Freud via nas artes um dos pontos mais elevados da realização humana juntamente com as ciências, por outro podia perceber nos artistas em seus processos de produção uma espécie de mecanismo de fuga da realidade. Ou seja, algo na dimensão do sintoma, do irracional. Se de um modo utiliza seu método de compreensão psicanalítico para um maior entendimento do criar artístico e das obras de arte, de outro modo vai encontrar muitas vezes nas artes elementos para o desenvolvimento da psicanálise. Perturbado pelo impacto que lhe causavam as grandes obras de arte, sentia o desejo de elucidá-las, oferecendo alguma compreensão dessas expressões humanas tão valorizadas.

A própria clínica psicanalítica, principalmente num após Sigmund Freud, será cingida por essa dupla valência, onde diante de seus impasses, o processo interpretativo esbarra em obstáculos que irão exigir manejos diferentes dos conteúdos afetivos. Se num primeiro momento, na linguagem de Lacan, na sua clínica do *simbólico* importa um *faire savoir*, ou seja, um fazer saber por meio da interpretação, num segundo momento, na sua clínica do *real*, importará o *savoir faire*, onde

---

<sup>1</sup> Artigo escrito em 01/09/2018

o sujeito deverá encontrar meios de saber fazer algo com aquilo que jamais irá saber. Do desvelamento de um oculto soterrado caminha-se ao encontro de uma vivência criativa.

Não hesitou Freud, para afastar a confusão que se fazia entre sua técnica e o método hipnótico, de se apropriar de uma analogia de Da Vinci: *“há, na realidade, a maior antítese possível entre técnica sugestiva e psicanalítica – a mesma antítese que, com relação as belas artes, o grande Leonardo Da Vinci resumiu nas fórmulas: **per via di porre e per via di levare**. A pintura, afirma Leonardo, opera por via di porre, pois ela aplica uma substância – partículas de cor – onde nada existia antes, na tela incolor; a escultura, contudo, processa-se per via di levare, visto que retira do bloco de pedra tudo o que oculta a superfície da estátua nela contida. Conclui então: “De modo semelhante, a técnica de sugestão visa a processar-se per via de porre (...). A terapia analítica, por outro lado, não procura acrescentar nem introduzir nada de novo, mas a retirar algo, a fazer aflorar alguma coisa (...)”*<sup>2</sup>. Ou seja, a técnica psicanalítica se opera *per via di levare*, permitindo o aflorar no sujeito, o conteúdo psíquico nele contido.

Registro essa passagem freudiana para ilustrar o quanto era caro a Freud o campo das artes e o quanto durante todo seu trajeto teórico se utilizou dele incontáveis vezes, para dar inclusive, um estilo ao seu texto de cunho científico. Era indiscutivelmente um beletrista que foi agraciado com o Prêmio Goethe de Literatura. Um reconhecimento não no campo da ciência, mas no das artes. Daí ser comum ao se fazer referência a Psicanálise se utilizar tanto a expressão **a ciência psicanalítica** como **a arte psicanalítica** e ainda o nosso trabalho ser visto como uma **arte do psicanalisar**.

Freud sempre alimentou o ensejo e manteve a forte convicção de que a psicanálise poderia pretender atrair o interesse de outras pessoas além dos psiquiatras, ou seja, um interesse muito além da medicina, uma vez que para ele, a jovem ciência de então tocava diversas outras esferas do conhecimento e, que a medida que evoluía, passava a revelar as inusitadas e importantes relações entre estas esferas e os estados da vida mental. Antecipando a verdadeira revolução epistêmica que a psicanálise iria causar, antevê num progressista trabalho, “*O Interesse Científico da Psicanálise (1913)*”, este aspecto revolucionário. Nele aborda esse interesse global em que a psicanálise “*pode lançar uma luz sobre as origens de nossas grandes instituições culturais (...)*”.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Sigmund Freud. *Sobre a Psicoterapia (1904)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. VII – Ed. Imago – RJ - pg. 270.

<sup>3</sup> Sigmund Freud. *O Interesse Científico da Psicanálise (1913)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. XIII – Ed. Imago – RJ - pg. 220.

Sabe-se que arte não existe somente como atividade individual, mas se apresenta igualmente como um produto da civilização e como uma forma da cultura. E é nesse segundo aspecto, ou seja, como uma expressão civilizatória, que visamos aqui o objeto do nosso enfoque psicanalítico.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).